

O PASSADO, O PRESENTE E O FUTURO DA LÍNGUA PORTUGUESA

Ana Cristina Souza da Silva UERJ
crisandrema@yahoo.com.br

INTRODUÇÃO

A nossa língua portuguesa sempre foi como é hoje? Como e quando ela surgiu? Há diferenças entre o português do Brasil e o português de Portugal? A nossa língua pode, no futuro, sofrer influências de outras línguas, como o inglês, por exemplo? São essas e outras questões que impulsionaram a realização da pesquisa que deu origem ao presente trabalho, cujos objetivos são: traçar um questionamento sobre a origem da língua portuguesa e sua trajetória através de séculos até ramificar-se e modificar-se nas regiões por onde se instalou; fazer uma comparação entre o português falado no Brasil e o português falado em Portugal; traçar linhas gerais de variações linguísticas do Brasil e, analisar a situação em que se encontra a língua do Brasil hoje, com uma perspectiva para o futuro.

Para que se entenda a formação da língua portuguesa é necessário voltar ao tempo e “escavar” as origens. A partir do primeiro tópico deste trabalho tentaremos fazer um levantamento das bases da língua portuguesa, a começar pelo Latim, seguido pelas influências de outras línguas, no contato dos seus falantes nativos com outros povos bárbaros. A seguir procuraremos descrever como se processou a formação da língua portuguesa a partir da língua latina e as eventuais transformações pelas quais passou, através de evidências sociais, políticas e econômicas de diversos povos em questão.

Após traçarmos o caminho percorrido pela língua até chegar ao português do Brasil, procuraremos reconhecer os indícios que particularizam o português do Brasil em relação ao português Europeu, além de identificar as influências transcorridas na língua ao longo do tempo.

NO PRINCÍPIO: O LATIM

O que chamamos hoje de língua portuguesa, de um modo geral, já possui aproximadamente 1000 anos de existência, a contar dos primeiros documentos que datam do séc. XII, aproximadamente.

É praticamente impossível, entretanto, traçar uma escala exata da evolução dessa língua, na qual pudéssemos detectar com precisão o tempo, os fatos, as pessoas e o lugar que concorreram para as mudanças no mais enriquecido legado que nos deixaram nossos antepassados.

Do latim ao português de Portugal e deste ao português do Brasil, inúmeros fatos ocasionaram em transformações fonéticas, morfossintáticas e semânticas na língua, os quais consideramos não como fatores negativos, mas como aspectos desencadeadores da caracterização específica e enriquecimento da mesma.

A língua portuguesa, que é também uma língua românica, é uma dentre outras, como o espanhol, o francês, o romeno, o italiano, o catalão etc, que remanesceram do latim, língua implantada no vasto território europeu em virtude de ocupações militares e domínio cultural e político do povo romano, a partir do séc. III a.C. Leia o fragmento abaixo:

Com a conquista de toda a península itálica, iniciada naquele século, o latim passou afinal à condição de língua da Itália Antiga. Estiolaram-se e desapareceram com isso, pouco a pouco, todas as demais línguas da península... (Câmara Jr., 1975, p. 15)

O latim foi a língua falada no Lácio, região da Península Itálica, hoje conhecida como Itália. O português, na Lusitânia, região da Península Ibérica.

Primeiramente, sabe-se a Península Ibérica fora habitada por um povo muito primitivo, conhecido como ibero, e mais tarde a região fora invadida pelos celtas. Estes dois povos se uniram, denominando-se celtiberos.

A ocupação dos romanos se deu no séc. III a.C, os quais impuseram sua língua e sua cultura, através de abertura de escolas, comércio e outros serviços. Desta forma, o latim passa a expandir-se naquele território.

Sucederam ao longo dos séculos outras ocupações da península, como a invasão dos bárbaros germânicos no séc. V e dos árabes da África Ocidental. No entanto, a essa altura, o latim já se tornara uma língua consolidada, mesmo com algumas variações regionais e não se deixou alterar sua essência românica.

Foi inevitável, portanto, que, com o passar dos séculos, o latim se distanciasse de sua origem e tornasse diversificado na língua falada da população. Desta forma, o latim distinguiu-se em duas modalidades: O latim clássico (*sermo urbanus*), aquele utilizado nos documentos escritos do governo, nos textos literários e na celebração de cultos religiosos; e o latim vulgar (*sermo vulgaris* ou *sermo usualis*), que constituía uma forma coloquial e menos cuidada da língua. Era representado na fala da população; a língua corrente e dinâmica do povo, assim como acontece também na língua portuguesa. Para escrever, dependendo do tipo de texto, utilizamos a variedade padrão da língua, onde respeitamos as regras e recursos gramaticais e temos mais cuidado com a concordância etc e na fala, a língua é mais espontânea e passível de sofrer alterações, de acordo com o momento e situação de interlocução.

Não significa, porém, dizer que o português também está em processo de evolução para outra língua. O português já possui seu sistema estabelecido como língua oficial, como veremos mais adiante. No latim, o processo de evolução se deu a partir da convivência de vários povos que habitaram aquela região, os quais pretendiam dominar o território e impor sua cultura. Dentre eles, os romanos se destacaram, e em meio a turbulências, derrotas e retomadas, foram aqueles que conseguiram resistir e dominar de vez toda a península, através dos soldados e comerciantes que levavam a língua até as regiões conquistadas.

Voltando ao latim vulgar, cabe fazer uma objeção sobre uma afirmação de alguns estudiosos, no sentido de que essa variedade do latim era falada somente pela classe menos favorecida da população, ou seja, pelo povo pobre e trabalhador, por isso o surgimento das palavras, consideradas por eles como desprestigiadas. Considerando que o latim vulgar foi a variedade de língua considerada “viva”, passível de evolução, entendemos que todos a utilizavam, não só a plebe, mas também os fidalgos, os funcionários importantes do governo,

a corte etc., nas situações cotidianas e corriqueiras. A diferença estaria na capacidade que estes possuíam de adequar as duas modalidades (o clássico e o vulgar), contribuindo também para a evolução da língua.

Aliás, vale lembrar que o latim clássico, também considerado como latim literário, não pode ser excluído da evolução histórica da língua. Temos que reconhecer que através dos textos escritos conscientemente por escritores literários daquela época é que foi possível o resgate dos diferentes momentos de passagem da língua. Além disso, também por meio deles houve a possibilidade de encontrar certas influências do latim vulgar na escrita. O lingüista Joaquim Mattoso Câmara Jr. traz uma afirmação sobre esse assunto:

Na realidade, o latim vulgar é o que corresponde essencialmente ao nosso conceito de língua viva. O latim clássico só era língua viva na medida em que recebia influencia do latim vulgar e se tornava, com isso, mais maleável e mesmo um tanto dinâmico. (1975, p. 22)

É justo dizer que as línguas românicas provêm do latim vulgar, no sentido relativo que resultaram de um latim dinâmico, essencialmente de língua oral, em processo de perene evolução. Elementos do latim clássico, que estão nas origens românicas, são os que se integram no processo evolutivo, fazendo-se “vulgares”. (*Idem*, p. 23).

Logo, é pertinente afirmar, segundo vários estudos realizados sobre o processo evolutivo do sistema lingüístico, que da transformação do latim vulgar surgiu a língua portuguesa. Tal processo se fez progressivamente e se confirma através de aspectos inerentes a fenômenos fonéticos, lexicais, morfológicos e sintáticos, pelos quais passaram os vocábulos na transposição para o português. Sobre esses aspectos, faremos uma pequena análise no próximo tópico.

CARACTERÍSTICAS DO PORTUGUÊS ORIUNDAS DO LATIM VULGAR

Como já vimos, do latim ao português, as palavras passaram por inúmeras transformações, dentre as quais acentuaram-se aquelas ocorridas no campo fonético. O latim veio sofrendo mudanças regulares, umas mais tênues, outras mais profundas, até constituir-se como sistema lingüístico autônomo. Essas modificações a que foi sujeita a língua conhecemos como METAPLASMOS. Não entraremos

aqui em detalhes sobre esses fenômenos, mas procuraremos abordar, de forma mais sucinta, alguns exemplos de cada aspecto da língua e suas modificações.

No nível fonético, além do acréscimo de consoantes ou vogais, de supressão ou redução de fonemas etc., percebe-se uma forte tendência do povo a evitar as palavras proparoxítonas, pronunciando-as como paroxítonas. Exemplos: *álacrem* (latim clássico) > *álacre* (latim vulgar) > *alegre* (português); *cáthedram* (latim clássico) > *ca-thédra* (latim vulgar) > *cadeira* (português); *ténebras* (latim clássico) > *tenébras* (latim vulgar) > *trevas* (português).

Observando o aspecto lexical, o latim vulgar apresentava a predominância do uso de vocábulos com características populares e afetivos, com tendência à simplificação. Vejamos alguns exemplos: *auris* (latim clássico) > *auricula* (latim vulgar - diminutivo) > termo que deu origem a palavra *orelha*, em português; *amicum* (latim clássico) > *amiculu* (latim vulgar- diminutivo) > *amigo* (português); *lacrimam* (latim clássico) > *lacrima* (latim vulgar) > *lágrima* (português).

Algumas palavras do léxico, além das mudanças morfológicas, na transposição do latim para o português, apresentaram também distinção de sentidos em relação à forma erudita do latim clássico. Os vocábulos *solteiro* e *solitário*, por exemplo, são oriundos de *solitariu* no latim vulgar. O primeiro continua com o sentido original da palavra (“isolado”, “que vive só”, “desacompanhado”), enquanto o segundo funciona como designação de pessoa desacompanhada, antônimo de casado. A palavra “*senhor*”, proveniente de “*seniore*” no latim, significava inicialmente “mais velho”. Como a velhice era encarada como sinônimo de experiência, de saber, ganhou também o sentido de respeitabilidade, o qual veio sobrepor-se ao da idade. Hoje é usado como forma de tratamento, porém marcando uma atitude de respeito face do emissor perante o receptor.

Um outro exemplo bastante curioso é o que se refere à palavra “*salário*” (do latim *salarium*), que correspondia à importância concedida aos soldados para comprarem a sua ração de *sal*. Posteriormente, por alargamento de sentido, passou a significar ordenado, pagamento, salário.

Em relação ao nível morfológico, o latim vulgar apresentava uma tendência natural para o uso de formas analíticas, que muitas vezes funcionavam como marcas de expressividade. Esse fenômeno ocorria no emprego dos artigos, dos numerais, dos adjetivos e dos advérbios. Exemplos: *liber* (latim clássico) > *illu librru* ou *unu libru* (latim vulgar) > *o livro; um livro* (português); *dulcior* (latim clássico) > *magis dulce* (latim vulgar) > *mais doce* (português); *dulcissimus* (latim clássico) > *multu dulce* (latim vulgar) > *muito doce* (português).

As conjugações verbais do português também são oriundas do latim vulgar, que reduziu para três o número de terminações (*are; ere; ire*) convertendo para *ar, er e ir*, no português. No latim clássico, a 3ª conjugação se dava em “*ere*” (vogal breve) como em *vendere*, que passou a fazer parte da mesma conjugação de *respondere*, da 2ª conjugação (vogal longa).

No campo sintático, observa-se a tendência da língua corrente para a forma analítica, no que se refere à construção das orações subordinadas. Enquanto o latim clássico preferia a forma infinitiva: *Vulgus dicit terram esse rotundam*, o latim vulgar tendia para a utilização da forma desenvolvida: *Vulgus dicit quod Terra est rotunda*. Já no português, constata-se a presença das duas formas: *O povo diz ser a Terra redonda; O povo diz que a Terra é redonda*.

Todos esses aspectos levantados sobre a língua corrente do latim são muito importantes para aplicarmos ao conhecimento de língua portuguesa que falamos hoje.

Segundo Anthony Naro e Maria Sherre, “*o português brasileiro é uma continuidade do português arcaico, com pequenas alterações*” (2007, p.13) ou seja, não se podem negar as raízes linguísticas românicas presentes em nosso português, visto que do latim para o português europeu as alterações mais significativas no que diz respeito aos fenômenos elencados já haviam sido feitas, paulatinamente, no decorrer do tempo. Com a emancipação do que passou a ser entendido como língua portuguesa, sua estrutura gramatical já estava formada.

O PORTUGUÊS ARCAICO

A língua portuguesa, do período que compreendeu a formação do Estado português até o apogeu das navegações, ficou conhecida como **português arcaico**.

Em princípios do séc. XII, Portugal tinha como língua comum o galego-português, que, vinda do norte, instalou-se no Sul do país, por meio do Movimento de Reconquista.¹ A partir daquela região, a língua se espalhou, alcançando as demais regiões que até então falavam dialetos moçárabes.

Embora alguns documentos continuassem sendo escritos em latim, paralelamente os textos literários constituíam uma forma de fortalecimento da língua emergente.

Os primeiros registros escritos da literatura portuguesa datam do século XII, momento que coincide com a expulsão dos árabes da Península Ibérica e com a formação do Estado português.

Esses textos foram escritos em galego-português, variedade que levou este nome por ser muito parecido com o galego, em virtude da integração cultural e lingüística que na época existia entre Portugal e Galícia, região que hoje pertence à Espanha.

O galego-português, conhecido também como a primeira fase do português arcaico, tornou-se uma variedade bastante expressiva na manifestação literária denominada **trovadorismo**.

O trovadorismo apresentou revelações na prosa e no teatro, mas foi na poesia que alcançou grande popularidade, tanto entre os nobres das cortes quanto entre as pessoas comuns do povo.

Os poemas eram memorizados e transmitidos oralmente, eram cantados e acompanhados por instrumentos musicais e dança. Por esse motivo receberam o nome de **cantigas**.

¹ Reconquista é o nome dado aos movimentos político-militares de expansão pelos quais passaram alguns reinos cristãos que, por volta do ano 1000, ocupavam a faixa setentrional da Ibéria, correspondentes aos montes Cantábricos; pela Reconquista, esses reinos ampliaram progressivamente seu território à custa dos árabes, presentes na península desde o séc. VIII. (Ilari e Basso, p. 18)

As cantigas chegaram até nós por meio dos cancioneiros, coletâneas de poemas de vários tipos, produzidos por diversos autores. Os textos poéticos mais antigos, dos quais se tem registro, apontam como principais autores: Paio Soares de Taveirós: *Cantiga da Guarvaia* e Joam Soares de Paiva: *Cantiga de Escárnio* (Silva, 2006, p. 26).

Esses textos revelam uma linguagem rica e valiosa caracterização de uma das mais importantes fases da língua portuguesa, nos quais podemos identificar elementos lingüísticos não só explícitos, quando observamos, por exemplo, a grafia das palavras e representação dos fonemas, mas também é possível supor elementos implícitos, numa perspectiva de que a vivência, os conceitos dos falantes/escritores da época são refletidos na forma como escrevem, representando a sua visão de mundo, a qual se destoa consideravelmente dos conceitos que temos hoje. Isso significa que a língua não constitui apenas uma representação gráfica do pensamento. Ela é carregada de influências históricas, sociais e individuais, que se modificam com o passar do tempo.

A seguir, leia uma cantiga de amigo do trovador Fernando Esgui, que viveu entre os séculos XIII e XIV:

Vaiamos, irmã, vaiamos dormir
(em) nas ribas do lago, u eu andar vi
a las aves meu amigo.

amigo: namorado
folgar: descansar, divertir-se
vaíamos: vamos

Vaiamos, irmã, vaiamos folgar
(em) nas ribas do lago, u eu vi andar
e las aves meu amigo.

u: onde
tirar: atirar
leixa-las guarir: deixa-as salvar-se
irmã: irmã

En nas ribas do lago, u eu andar vi,
seu arco na mão as aves ferir,
a las aves meu amigo.

En nas ribas do lago, u eu vi andar,
seu arco na mão a las aves tirar,
a las aves meu amigo.

Seu arco na mão as aves ferir,
a las que cantavam leixa-las guarir,
a las aves meu amigo.

Seu arco na mão as aves tirar,
as las que cantavam non nas quer matar,
a las aves meu amigo.

(Amora, 1961)

Observa-se nesse poema que alguns dos traços característicos de nossa língua ainda não estavam completamente definidos. Na fase em que foi escrito, a grafia da vogal duplicada para marcar a nasalidade era muito comum, como se nota em *irmãa* e *mãao*. O som nasal era representado por um til alongado, que recobria as duas vogais. Podemos também observar a fusão de vogais duplicadas, traço que foi característico a partir do século XIII em diante, como no exemplo do verbo *vir*, que aparece no poema. De acordo com estudos de Rosa Virgínia da Silva, em *O Português Arcaico* (2006, p. 70) essas vogais, com indicação de oralidade ou não, fundem-se, seguindo a seqüência: *vîr>vîir>viir>vir*. Uma outra observação a ser feita se refere à forma verbal *vaiamos*, cuja grafia ainda não havia sido alterada com contração das vogais e a queda do hiato, que mais tarde resultou na forma verbal *vamos*.

Quanto ao sentido das palavras, o texto é apenas um exemplo de como elas evoluíram até nossos dias. No poema, vemos a palavra *amigo* como sinônimo de *namorado*. No entanto, na língua portuguesa hoje, esses vocábulos ganham uma considerável distinção: *namorado* é usado para designar companheiro, que pode, ao mesmo tempo, assumir o papel de amigo. Ao passo que *amigo* nem sempre é o namorado, é apenas aquela pessoa em que se confia os segredos e compartilha momentos especiais.

Além dessas observações, nota-se que no texto há outras palavras, que, devido à grafia, organização nas frases e sentidos diferentes, seriam de difícil compreensão para um falante de português hoje.

É importante destacar que somente diante de um texto como esse, é que o falante atual poderá perceber as mudanças que geraram contínuas alterações na configuração estrutural da língua, na passagem de uma fase para outra. Isso vem a comprovar que os falantes não têm consciência de que sua língua está mudando. As mudanças lingüísticas, embora ocorram continuamente, se dão de forma lenta e gradual e fazem que só percebamos esse fluxo no nosso cotidiano de falantes, permitindo a comparação com registros de nossos antepassados.

DA TRANSPOSIÇÃO DO PORTUGUÊS EUROPEU PARA O PORTUGUÊS DO BRASIL

Quando a expedição de Pedro Álvares Cabral singrou mares rumo ao Brasil, a língua de Portugal apresentava-se em fase final de português arcaico. Porém, ao chegar à costa brasileira, a língua trazida pelos navegadores sofreu um “impacto cultural”, se assim podemos dizer.

No Brasil, a língua portuguesa tomou forma a partir da interação de três elementos culturais. O principal deles foi o próprio colonizador português que além de importar a língua, impôs também a religião, sua cultura e comportamento aos demais povos que habitaram na região. O indígena, compreendendo o segundo elemento, apresentava já uma língua própria, o tupi-guarani, que veio a funcionar como substrato daquela que fora implantada no território.

Durante muitos anos, a língua tupi e a portuguesa foram utilizadas paralelamente por grupos diferentes. Os jesuítas tentaram, sem muito sucesso, estabelecer, através do ensino religioso, uma relativa uniformidade entre o português e o tupi, que denominaram como língua geral. No entanto, forças políticas de interesse exploratório impediram que a idéia fosse adiante.

Ainda, no início do período colonial, os portugueses aderiram ao tráfico negreiro, importando para o Brasil negros de diversas etnias africanas, para trabalhar como escravos nas grandes fazendas.

Desta forma, foi inevitável que o negro fosse considerado como o terceiro elemento responsável pela formação do povo brasileiro, além de contribuir para o enriquecimento da língua, que acabou por adquirir elementos do léxico africano.

Vale lembrar, que no início da colonização, a população brasileira era composta, em sua maioria por índios e negros, suplantando o número de europeus. Com a expansão da colonização por todo o território brasileiro e com a chegada dos imigrantes italianos, alemães e asiáticos a língua acaba de mesclar-se ainda mais, assimilando novos elementos. Desta forma, podemos imaginar a gama de interferências vocabulares que acabou por mesclar-se à língua portuguesa. Paul Teyssier tece um comentário a respeito da situação linguística em que se encontrava o Brasil em meados do século XVII:

No período de que estamos tratando a situação lingüística do Brasil pode ser assim resumida. Os “colonos” de origem portuguesa falam o português europeu, mas evidentemente com traços específicos que se acentuam no decorrer do tempo. As populações de origem indígena, africana ou mestiça aprendem o português, mas manejam-no de forma imperfeita. (2001, p. 94)

Diante das influências que a língua portuguesa recebeu em território brasileiro, emerge, entre lingüísticos e estudiosos, uma polêmica questão em relação à unidade entre o português Europeu e o português do Brasil. Várias teses já foram escritas a respeito do assunto. Alguns estudiosos de peso, como Rosa Virginia de Mattos e Silva Dante Lucchesi, defendem a idéia de que o português no Brasil passou por um processo de **crioulização**, dada a mistura de diferentes etnias num mesmo momento de fala. Essa tese já fora combatida por filólogos como Serafim da Silva Neto, Celso Cunha, Antenor Nascentes e Silvio Elias, de acordo com a citação de Rodolfo Ilari e Renato Basso, em *O português da gente* (2006, p.73). Os argumentos de todos eles servirão para que novos estudos a respeito da língua possam surgir, visto que a linguagem é passível de ser analisada sempre.

Ainda hoje, ouvimos pessoas dizendo que o português de Portugal não é o mesmo que falamos no Brasil. Entretanto, estudos mostram que o português do Brasil constitui uma variedade do português Europeu. Em relação ao PE, o PB adquiriu vasto vocabulário e pronúncias diferenciadas em diversas regiões, devido a mestiçagem na formação da população brasileira. De acordo com Naro e Sherre, em *Origens do Português Brasileiro* (2007, p. 13) “*não foram encontradas diferenças estruturais entre o português brasileiro e o português europeu [...] nada se identificou no Brasil que também não ocorresse em Portugal.*” Isto é, a comprovação feita por eles, através do “garimpo das origens”, como assim denominaram a pesquisa, já havia sido identificada por pesquisadores renomados do passado: A língua portuguesa não sofreu alterações em sua gênese estrutural. Portanto, o PE e o PB são variações de uma mesma língua.

O que diferencia o português do Brasil do português Europeu são aspectos relacionados à fonética e fonologia (pronúncia, sotaque), à organização sintática de frases, bem como colocações pronominais e ao léxico. Veja alguns exemplos:

- O que se pode chamar de reduções vocálicas no PE e ausente no PB dá ao ouvinte estrangeiro a impressão auditiva de o português da Europa ser mais consonântico e o brasileiro mais vocálico. Essa impressão é reforçada pelo fato de o PB enfraquecer as consoantes em posição final da palavra, posição em que o PE apresenta articulação forte;

- O PE caracteriza-se pelo enfraquecimento das sílabas pretônicas, pela pronúncia do /R/ vibrante, pelo fato de o /l/, em posição final de sílaba, tem pronúncia velarizada, não sendo substituído pela vogal /w/;

- O PB vocaliza o /l/ final em /w/: *animal* > *animaw*, aspira o /r/ final ou reduz a zero: *ama/h/* > *am/a/*;

- Expansão do *você* e do *a gente* como pronomes pessoais, no PB (em algumas regiões);

- Predominância da colocação proclítica dos pronomes oblíquos no PB;

- No PB, produz-se o apagamento do objeto direto pronominal clítico, como em *Eu vi **ela** no cinema.* > *vi-a*;

- No PB, extenso vocabulário de origem tupi: *capim, mingau, guri, taquara, piranha, capivara, mandioca, jacarandá, caatinga, mandacaru etc.*, e de origem africana: *moleque, cafuné, samba, maxixe, caçula, acarajé, vatapá, bunda, cambada, candango, camundongo* e outras.

Como podemos observar, as mudanças que ocorreram no português para a versão brasileira não são tão significativas a ponto de se emancipar como uma “nova língua”. As transformações foram também inevitáveis, em decorrência do fluxo natural de uma língua. A língua portuguesa do Brasil não perdeu nada ao desencadear uma nova organização em seu sistema pronominal e criar pronúncias específicas. As contribuições dos diferentes povos proporcionaram, em relação ao Brasil, a fixação da língua portuguesa com uma nova roupagem em relação ao português europeu, visto que enquanto sistema lingüístico elas são praticamente iguais.

Há que se levar em conta também que o surgimento da literatura brasileira contribuiu consideravelmente para a fixação dessa nova característica do idioma lusitano em terras brasileiras.

Reflexos do passado no português brasileiro de hoje

Considerando os fatores sócio-históricos que atuaram desde as origens, passando pelo período colonial e pós-colonial, pode-se entrever uma interpretação de como se originou o português brasileiro, compreendendo um contexto social de transmissão lingüística bastante irregular na oralidade, devido à pouca escolarização durante um longo período, o que resultou, sem dúvida, numa língua diversificada em relação ao PE, além de constituir-se, interiormente, como uma língua totalmente heterogênea. Paul Teyssier confirma esse dado, quando diz:

A realidade, porém, é que as divisões “dialetais” no Brasil são menos geográficas que socioculturais. As diferenças na maneira de falar são maiores, num determinado lugar, entre um homem culto e o vizinho analfabeto que entre dois brasileiros do mesmo nível cultural originários de duas regiões distantes uma da outra. (2001, p. 98).

É evidente que a diversidade lingüística do Brasil é um reflexo da colonização portuguesa e dos demais fatores que já foram arrolados anteriormente. As variações lingüísticas no Brasil deram-se tanto no âmbito geográfico, social e temporal, como no individual e situacional.

Diante disso, a tentativa de se criar um Atlas Lingüístico do Brasil, fazendo a separação dos falares brasileiros, iniciativa já encaminhada há alguns anos por renomados estudiosos da área, não dá conta da proporção a que se alarga o sentido de dialeção da língua no Brasil, devido a grande demanda de traços que podem constituir-se como variação. De acordo com Yone Leite e Dinah Callou:

A variação dialetal não é apenas privativa dos níveis populares, mas de todos os níveis em que exista diferenciação, e os atlas lingüísticos, com sua ênfase na fonética e no vocabulário, e calçados apenas no falar de iletrados, não poderiam por si só, dar conta dessa imensa diversificação. (2005, p. 23 e 24).

Mesmo com a normatização do português falado no Brasil, não se pode negar a diversidade que ele traz e a visível separação en-

tre as classes sociais, dotadas de prestígio, das estigmatizadas. Fator de difícil dissolução, já que o domínio da língua padrão ainda não alcança todos os falantes da comunidade lingüística.

A situação lingüística do Brasil hoje não é tão diferente de alguns tempos atrás. Ao lado de uma variedade padrão, como já dissemos, privilégio de poucos, cresce um número incalculável de expressões populares e “normas” vernáculas do modo de falar brasileiro.

O futuro da língua portuguesa

Essa evolução da língua, em suas duas modalidades principais, vem desde sempre, e tudo indica que vai continuar. Pelo que sabemos do passado, e pelo que esperamos do futuro, no Brasil o povo vai continuar usando a mesma língua que hoje chamamos simplesmente “português”. (Perini, 2004, p. 23)

A grande diversidade que hoje apresenta a língua portuguesa do Brasil abrange, além das formas populares, os empréstimos e os estrangeirismos que se infiltram em nosso vocabulário freqüentemente. Ocorrência tendenciosa a emergir hipóteses de probabilidades do desaparecimento parcial ou apagamento da língua, futuramente.

Vale salientar, em contrapartida, que as palavras estrangeiras acabam por assimilar-se à nossa língua, adaptando-se as características estruturais da mesma. Algumas delas já são bastante conhecidas devido ao uso freqüente e cotidiano dos falantes de hoje, como por exemplo: balé, pingue-pongue, avalanche, surfar, deletar e outras.

Cumprido, então, tentar convencer o leitor que tal conjectura é impossível de se tornar verdadeira. A língua portuguesa não está passível de deterioração, muito menos de se misturar a uma potência lingüística, seja ela o inglês ou espanhol. Prova disso se confirma pelo principal fato ser de uma estrutura lingüística totalmente sistematizada, com características próprias como qualquer outra língua.

Todavia, não se pode negar a significativa influência que a língua inglesa tem exercido nas pessoas. E, muitas vezes, observamos certa desvalorização da língua materna em detrimento da estrangeira. Acredito que isso seja um perigo para o reconhecimento da nossa nação enquanto caracterização étnica, visto que a língua é um

elemento de suma importância para a identificação das pessoas. Portanto, se elas negam a própria língua ou não se interessam em estudá-la e aprimorar o seu uso, estão contribuindo para enfraquecimento da mesma.

CONCLUSÃO

A questão das diferenças da língua portuguesa do Brasil em relação à de Portugal, como observamos, reside apenas em fenômenos lingüísticos que não foram capazes de excluir uma da outra, já que compreendem uma mesma hegemonia estrutural.

Quanto à variação lingüística do Brasil e às influências estrangeiras, cabe dizer que elas continuam ocorrendo e ocorrerão futuramente. No entanto, é necessário que se comece uma conscientização sobre a necessidade de se aplicar, nas escolas e instituições de ensino em geral, o ensino da norma padrão, de maneira a contribuir para que o falante possa adequar o uso da língua em diferentes situações de comunicação, não excluindo, é claro, a variedade lingüística corrente. Além disso, conscientizar os estudantes de hoje que a nossa língua é um retrato da nossa pátria e deve ser preservada, também se faz necessário. É importante fixar que a nossa língua portuguesa é muito rica e variada assim como o povo que compõe a nossa nação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMORA, Antônio Soares et alii. *Presença da literatura portuguesa: história e antologia I. Épocas Medievais e 1ª e 2ª épocas clássicas*. São Paulo: Difusão Européia do Livro (DIFEL), 1961.

CÂMARA Jr., Joaquim Mattoso. *História e estrutura da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Padrão/Prolivro, 1975.

COUTINHO, Ismael de Lima. *Pontos de gramática histórica*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1976.

CUNHA, Celso e CINTRA, L. F. Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

FARACO, Carlos Alberto. “Revoluções por minuto”. *Revista Discutindo Língua Portuguesa*. São Paulo: Escala Educacional, Ano 1, vol. 4, p.14 a 17.

HENRIQUES, Claudio Cezar & SIMÕES, Darcilia Marindir P. *A redação dos trabalhos acadêmicos: teoria e prática*. 3ª ed. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2004.

ILARI, Rodolfo e BASSO, Renato. *O português da gente: a língua que estudamos, a língua que falamos*. São Paulo: Contexto, 2006.

LEITE, Yonne e CALLOU, Dinah. *Como falam os brasileiros*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

NARO, Anthony Julius e SHERRE, Maria Marta Pereira. *As origens do português brasileiro*. São Paulo: Parábola, 2007.

PERINI, Mário Alberto. *A língua do Brasil amanhã e outros mistérios*. São Paulo: Parábola, 2004.

SILVA, José Pereira (org.). *Notações teóricas sobre a história da língua portuguesa* (Extraídas da Coleção da Editora Ática). Rio de Janeiro, 2006.

SILVA, Rosa Virgínia Mattos e. *O português arcaico: fonologia, morfologia e sintaxe*. São Paulo: Contexto, 2006.

TEYSSIER, Paul. *História da língua portuguesa*. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.